

WLADIMIR OLIVIER

# NHÔ TONICO

MANUEL DO VAL DE FLORES

Saiba, irmão, que estes versos  
provieram da Espiritualidade!

Nhô Tônico das Cadeias  
Era um colega brigão:  
As coisas ficavam feias?  
Tirava satisfação.

Era uma vez, um cara briguento, chamado Antônio, que, de tanto ir preso, passou a ser conhecido por Nhô Tônico das Cadeias.

Foi dura a querela, um dia:  
Encontrou um valentão.  
Zé da Dinga era uma *fria*:  
Pôs diversos no caixão.

Um dia, Nhô Tônico teve um atrito feio com um sujeito perigoso, o José, chamado de Zé da Dinga.

Mas Tônico ia de pinga,  
Na cabeça e na algibeira.  
Topando com Zé da Dinga,  
Foi um diz: — *Queira!* — *Não queira!*

Sempre bêbado, Tônico andava com uma garrafa no bolso. Ao se encontrar com o Zé, começaram uma discussão sem pé nem cabeça.

A mamãe de Zé da Dinga  
Era mulher lá da feira:  
Andava cheia de ginga;  
Tinha no coldre a peixeira.

A mãe do Zé, que vendia peixe na feira, parecia um capoeirista, sempre levando a faca na cintura.

Tonico é que não sabia  
Calar a língua matreira:  
Botou *bronca* na Maria,  
Numa falação certa.

Tonico, que falava até pelos cotovelos, destratou a mãe do Zé, de nome Maria, dizendo coisas muito ruins sobre ela.

Recebeu uma nas ventas,  
E pavilhão auditivo:  
— *Se mais coisas tu inventas,  
Não sairás daqui vivo!*

Por isso, levou um soco no nariz e um tapa na orelha; e ouviu o Zé ameaçar de coisa pior se continuasse difamando a sua mãe.

Murchou o pobre coitado;  
Espatifou a garrafa.  
Não ficou alcoolizado:  
— *Jesus, veja se me safa!...*

Tonico ficou muito preocupado, quebrou a garrafa de pinga e, já sóbrio, pediu ajuda a Jesus para ficar livre do Zé.

Rogou e foi atendido,  
Pois prometeu, lá no fundo,  
Ficar melhor entendido  
Da natureza do Mundo.

Jesus ouviu a prece do moço, o qual jurou que ia melhorar o procedimento, aprendendo a viver pelas regras morais.

Fingiu de morto, estirado;  
Levou uns chutes nas costas:  
Estava o Zé muito irado:  
— *Vê se desta tu mais gostas!...*

Sofreu uns pontapés do Zé mas não reagiu, parecendo desacordado, mas escutando as provocações do desafeto.

Depois de muito apanhar,  
Baixou Tônico hospital.  
Foi sarando, devagar:  
Achou a causa do mal.

A surra foi tão grande que Tônico acabou internado num hospital, onde se recuperou, lentamente, tempo em que meditou sobre a origem de seu fracasso.

Queria ser superior  
E mandar em toda a gente.  
Esqueceu que existe amor  
E que todo o mundo sente.

Chegou à conclusão de que se julgava melhor do que os outros, a quem pretendia dar as suas ordens. Percebeu também que não amava ninguém e que todo mundo tem sentimentos.

Um dia, chegou visita:  
Um homenzinho engraçado.  
Falava mal da *birita*;  
Deixou Tônico alarmado.

Estando internado, apareceu um sujeito divertido, falando mal da bebida, tanto que Tônico se assustou de verdade.

— *Mas que religião é essa  
Para pôr no vício um breque?*  
— *É Doutrina boa à beça:  
Teoria de Allan Kardec!*

Tonico quis saber qual era a religião que mandava acabar com os vícios. Era a excelente Doutrina Espírita organizada por Allan Kardec, conforme lhe esclareceu o visitante.

— *Quando você melhorar,  
Me procura lá no Centro.  
Os livros que lhe vou dar  
Vão deixá-lo bem, por dentro.*

Recebeu Tonico um convite para ir ao Centro Espírita, assim que ficasse bom. Ia receber uns livros para seu esclarecimento.

Todo mal tem sempre um fim:  
Tonico recebeu alta.  
Já não era tão ruim,  
Mas do Pai sentia falta.

Quando se restabeleceu, Tonico voltou para casa. Como tinha melhorado também da cabeça, precisava de um fundamento religioso.

Procurou o *cara* estranho,  
P'ra pedir orientação.  
Levou um susto tamanho:  
Tinha livro de montão.

Foi atrás, então, daquele desconhecido, para se informar. Lá chegando, teve a surpresa de ver uma prateleira cheia de livros.

— *Vou ter de ler tudo isso?*  
*Eu mal soleiro as palavras...*  
— *Só assumo o compromisso:*  
*A turma interpreta as lavras.*

Perguntou se precisava ler tudo aquilo, ele, que era quase analfabeto. O outro lhe pediu apenas para ter boa vontade, porque o pessoal do Centro explicaria os textos.

Duas vezes por semana,  
O Tónico ao Centro ia.  
Foi ganhando aquela gana  
E foi sentindo alegria.

Passou Tónico a frequentar o Centro duas vezes por semana. Ali foi criando muita força espiritual, tanto que lhe voltou o sentimento da vida.

Certa vez, participou  
Duma sortida noturna.  
Por alguém, então, chorou:  
Um pobrezinho na furna.

Tendo saído de noite para ajudar os desprotegidos, numa gruta encontrou um homem tão mal que por ele derramou lágrimas de emoção.

Era o Zé da Dinga mesmo,  
Fraquinho de causar dó:  
A palavrear a esmo,  
Conversava, estando só.

O sofredor era o mesmo Zé, agora acabado, falando sozinho, provocando muita piedade.

A gratidão de Tônico  
Superou aquela sova:  
Parecia um homem rico;  
O outro, co' o pé na cova.

Tônico estava tão reconhecido pela nova vida que esqueceu a surra: estava feliz. O Zé é quem dava preocupação.

Levou o Zé p'ra tratar  
Naquele mesmo hospital:  
Seria santo o lugar,  
Bem protegido do mal.

Tonico carregou com ele para ser cuidado no hospital, achando que as doenças seriam eliminadas pela Medicina.

Rogou por Nosso Senhor,  
Que perdoasse o vilão.  
Prometeu-lhe muito amor:  
Passou a chamar: — *Meu irmão!*

Em suas orações, pediu que Jesus perdoasse o malvado, a quem ofereceu sua afeição e respeito.

Dona Maria da feira  
Conseguiu um filho mais.  
Já não usava a peixeira  
Nem as coisas eram tais.

Era natural que Tônico, achando-se irmão do Zé, podia chamar a feirante de mãe. Aliás, os tempos tinham passado, e a mulher estava mudada.

O Zé da Dinga morreu:  
Estava muito doente,  
Porém, no caminho seu,  
Viu outra espécie de gente.

Não tinha jeito mesmo e o Zé morreu, mas antes teve ocasião de conhecer pessoas bem diferentes daquelas com quem tinha convivido.

Os benfeitores da turma  
Lhe destinaram lugar,  
Deixando que o pobre durma,  
Num bom leito hospitalar.

Ao ser recebido no etéreo pelos protetores da gente do Centro, ganhou outro internamento, agora para ser tratado dos males espirituais.

Os inimigos, lá fora,  
Prometeram mais vingança,  
Mas Tônico, esperto agora,  
'Tava cheio de esperança.

Do lado de fora da cidade do Além, fervilhavam os inimigos, que eram contidos pelas orações do diligente e esperançoso Tônico.

Trabalhava sem cansaço,  
Tendo chegado à tal feira.  
Seria o próximo passo:  
Salvar a tal da peixeira.

Tonico, que se tornara um auxiliar incansável, foi até a feira com o intuito de levar ajuda espiritual à mulher que ele havia ofendido um dia.

Falou-lhe da instituição,  
Da prestação de serviço.  
Poderia dizer *não*,  
Mas ganharia mais viço.

Puxou o assunto do que se fazia no Centro, das atividades de benemerência, mas deixou que ela se decidisse, explicando que ia ser muito bom se aceitasse o convite para participar.

Falou das Leis, da Verdade,  
E mostrou que a Salvação  
Advém da Caridade  
De quem tem bom coração.

Explicou alguns pontos da Doutrina, da busca do conhecimento e da evolução, insistindo que o seu lema era: fora da caridade não há salvação.

A mulher era experiente,  
Sabia de tudo isso,  
Então, mui espertamente,  
Aceitou o compromisso.

Maria era uma mulher vivida e tinha a sabedoria extraída dos sofrimentos. Essa foi a razão de seguir os conselhos de Tônico.

Mas não sabia do filho,  
Que morrera arrependido.  
Repetia este estribilho:  
— *O Zé da Dinga: um bandido!*

Ignorava Maria o fato de que o filho se arrependera dos crimes antes de desencarnar; e ainda guardava a pior lembrança do Zé

O ódio, então, ficou claro,  
Para a mente do Tônico.  
Pedi ao Pai, mui preclaro,  
Um expediente rico.

Tônico percebeu o rancor de Maria e, tendo uma feliz ideia, pediu a ajuda de Deus para que tudo desse certo.

Levou Maria à sessão,  
Tendo invocado o seu Zé.  
Jesus lhe deu permissão,  
Para demonstrar quem é.

Numa reunião mediúnica, estando Maria presente, Tônico evocou o Espírito do Zé e, tendo recebido autorização de Jesus, puderam conversar.

Desconfiava Maria  
De que tudo fosse falso,  
Mas o Zé só respondia,  
A firmar bem cada calço.

Maria não punha muita fé na sessão, mas o filho respondeu sempre com muita coerência, demonstrando que era realmente o Zé.

Precisou de mais uns dias,  
Para formar opinião,  
Mas cedeu às teorias,  
Vendo que tinham razão.

Maria não aceitou logo o fenômeno mediúnico, mas foi obrigada a se render às evidências quando estudou mais a fundo.

Hoje também tem renome  
E ajuda nas coisas feias:  
É ela quem mata a fome;  
Nhô Tônico é o das Candeias!

Tanto Maria desenvolveu que passou a ser muito respeitada: participa agora da assistência aos que sofrem e dá de comer aos necessitados, enquanto Tônico já é conhecido como Nhô Tônico das Candeias, ou seja, aquele que leva a luz aos que se encontram na escuridão.

# NHÔ TONICO

MANUEL DO VAL DE FLORES

Nhô Tonico das Cadeias  
Era um colega brigão:  
As coisas ficavam feias?  
Tirava satisfação.

Foi dura a querela, um dia:  
Encontrou um valentão.  
Zé da Dinga era uma *fria*:  
Pôs diversos no caixão.

Mas Tonico ia de pinga,  
Na cabeça e na algibeira.  
Topando com Zé da Dinga,  
Foi um diz: "*Queira!*"; "*Não  
queira!*"

A mamãe de Zé da Dinga  
Era mulher lá da feira:  
Andava cheia de ginga;  
Tinha no coldre a peixeira.

Tonico é que não sabia  
Calar a língua matreira:  
Botou *bronca* na Maria,  
Numa falação certa.

Recebeu uma nas ventas,  
E pavilhão auditivo:  
— *Se mais coisas tu  
inventas,  
Não sairás daqui vivo!*

Murchou o pobre coitado;  
Espatifou a garrafa.  
Não ficou alcoolizado:  
— *Jesus, veja se me safá!...*

Rogou e foi atendido,  
Pois prometeu, lá no  
fundo,  
Ficar melhor entendido  
Da natureza do Mundo.

Fingiu de morto, estirado;  
Levou uns chutes nas  
costas:  
Estava o Zé muito irado:  
— *Vê se desta tu mais  
gostas!...*

Depois de muito apanhar,  
Baixou Tonico hospital.  
Foi sarando, devagar:  
Achou a causa do mal.

Queria ser superior  
E mandar em toda a gente.  
Esqueceu que existe amor  
E que todo o mundo sente.

Um dia, chegou visita:  
Um homenzinho  
engraçado.  
Falava mal da *birita*;  
Deixou Tonico alarmado.

— *Mas que religião é essa  
Para pôr no vício um  
breque?*  
— *É Doutrina boa à beça:  
Teoria de Allan Kardec!*

— *Quando você melhorar,  
Me procura lá no Centro.  
Os livros que lhe vou dar  
Vão deixá-lo bem, por  
dentro.*

Todo mal tem sempre um  
fim:  
Tonico recebeu alta.  
Já não era tão ruim,  
Mas do Pai sentia falta.

Procurou o *cara* estranho,  
P'ra pedir orientação.  
Levou um susto tamanho:  
Tinha livro de montão.

— *Vou ter de ler tudo isso?  
Eu mal soleiro as  
palavras...*  
— *Só assumo o  
compromisso:  
A turma interpreta as  
lavras.*

Duas vezes por semana,  
O Tónico ao Centro ia.  
Foi ganhando aquela gana  
E foi sentindo alegria.

Certa vez, participou  
Duma sortida noturna.  
Por alguém, então, chorou:  
Um pobrezinho na furna.

Era o Zé da Dinga mesmo,  
Fraquinho de causar dó:  
A palavrear a esmo,  
Conversava, estando só.

A gratidão de Tónico  
Superou aquela sova:  
Parecia um homem rico;  
O outro, co'ó pé na cova.

Levou o Zé p'ra tratar  
Naquele mesmo hospital:  
Seria santo o lugar,  
Bem protegido do mal.

Rogou por Nosso Senhor,  
Que perdoasse o vilão.  
Prometeu-lhe muito amor:  
Passou a chamar: —  
*Meu irmão!*

Dona Maria da feira  
Conseguiu um filho mais.  
Já não usava a peixeira  
Nem as coisas eram tais.

O Zé da Dinga morreu:  
Estava muito doente,  
Porém, no caminho seu,  
Viu outra espécie de gente.

Os benfeitores da turma  
Lhe destinaram lugar,  
Deixando que o pobre  
durma,  
Num bom leito hospitalar.

Os inimigos, lá fora,  
Prometeram mais  
vingança,  
Mas Tónico, esperto agora,  
'Tava cheio de esperança.

Trabalhava sem cansaço,  
Tendo chegado à tal feira.  
Seria o próximo passo:  
Salvar a tal da peixeira.

Falou-lhe da instituição,  
Da prestação de serviço.  
Poderia dizer *não*,  
Mas ganharia mais viço.

Falou das Leis, da Verdade,  
E mostrou que a Salvação  
Advém da Caridade  
De quem tem bom  
coração.

A mulher era experiente,  
Sabia de tudo isso,

Então, mui espertamente,  
Aceitou o compromisso.

Mas não sabia do filho,  
Que morrera arrependido.  
Repetia este estribilho:  
— *O Zé da Dinga: um  
bandido!*

O ódio, então, ficou claro,  
Para a mente do Tónico.  
Pedi ao Pai, mui preclaro,  
Um expediente rico.

Levou Maria à sessão,  
Tendo invocado o seu Zé.  
Jesus lhe deu permissão,  
Para demonstrar quem é.

Desconfiava Maria  
De que tudo fosse falso,  
Mas o Zé só respondia,  
A firmar bem cada calço.

Precisou de mais uns dias,  
Para formar opinião,  
Mas cedeu às teorias,  
Vendo que tinham razão.

Hoje também tem renome  
E ajuda nas coisas feias:  
É ela quem mata a fome;  
Nhô Tónico é o das  
Candeias!

# NHÔ TONICO

MANUEL DO VAL DE FLORES

Era uma vez, um cara briguento, chamado Antônio, que, de tanto ir preso, passou a ser conhecido por Nhô Tônico das Cadeias.

Um dia, Nhô Tônico teve um atrito feio com um sujeito perigoso, o José, chamado de Zé da Dinga. Sempre bêbado, Tônico andava com uma garrafa no bolso. Ao se encontrar com o Zé, começaram uma discussão sem pé nem cabeça.

A mãe do Zé, que vendia peixe na feira, parecia um capoeirista, sempre levando a faca na cintura. Tônico, que falava até pelos cotovelos, destratou a mãe do Zé, de nome Maria, dizendo coisas muito ruins sobre ela. Por isso, levou um soco no nariz e um tapa na orelha; e ouviu o Zé ameaçar de coisa pior se continuasse difamando a sua mãe.

Tônico ficou muito preocupado, quebrou a garrafa de pinga e, já sóbrio, pediu ajuda a Jesus para ficar livre do Zé. Jesus ouviu a prece do moço, o qual jurou que ia melhorar o procedimento, aprendendo a viver pelas regras morais.

Sofreu uns pontapés do Zé mas não reagiu, parecendo desacordado, mas escutando as provocações do desafeto. A surra foi tão grande que Tônico acabou internado num hospital, onde se recuperou, lentamente, tempo em que meditou sobre a origem de seu fracasso. Chegou à conclusão de que se julgava melhor do que os outros, a quem pretendia dar as suas ordens. Percebeu também que não amava ninguém e que todo mundo tem sentimentos.

Estando internado, apareceu um sujeito divertido, falando mal da bebida, tanto que Tônico se assustou de verdade. Tônico quis saber qual era a religião que mandava acabar com os vícios. Era a excelente Doutrina Espírita organizada por Allan Kardec, conforme lhe esclareceu o visitante. Recebeu Tônico um convite para ir ao Centro Espírita, assim que ficasse bom. Ia receber uns livros para seu esclarecimento.

Quando se restabeleceu, Tônico voltou para casa. Como tinha melhorado também da cabeça, precisava de um fundamento religioso. Foi atrás, então, daquele desconhecido, para se informar. Lá chegando, teve a surpresa de ver uma prateleira cheia de livros. Perguntou se precisava ler tudo aquilo, ele, que era quase analfabeto. O outro lhe pediu apenas para ter boa vontade, porque o pessoal do Centro explicaria os textos.

Passou Tônico a frequentar o Centro duas vezes por semana. Ali foi criando muita força espiritual, tanto que lhe voltou o sentimento da vida. Tendo saído de noite para ajudar os desprotegidos, numa gruta encontrou um homem tão mal que por ele derramou lágrimas de emoção. O sofredor era o mesmo Zé, agora acabado, falando sozinho, provocando muita piedade. Tônico estava tão reconhecido pela nova vida que esqueceu a surra: estava feliz. O Zé é quem dava preocupação. Tônico carregou com ele para ser cuidado no hospital, achando que as doenças seriam eliminadas pela Medicina. Em suas orações, pediu que Jesus perdoasse o malvado, a quem ofereceu sua afeição e respeito.

Era natural que Tônico, achando-se irmão do Zé, podia chamar a feirante de mãe. Aliás, os tempos tinham passado, e a mulher estava mudada. Não tinha jeito mesmo e o Zé morreu, mas antes teve ocasião de conhecer pessoas bem diferentes daquelas com quem tinha convivido. Ao

ser recebido no etéreo pelos protetores da gente do Centro, ganhou outro internamento, agora para ser tratado dos males espirituais. Do lado de fora da cidade do Além, fervilhavam os inimigos, que eram contidos pelas orações do diligente e esperançoso Tônico.

Tônico, que se tornara um auxiliar incansável, foi até a feira com o intuito de levar ajuda espiritual à mulher que ele havia ofendido um dia. Puxou o assunto do que se fazia no Centro, das atividades de benemerência, mas deixou que ela se decidisse, explicando que ia ser muito bom se aceitasse o convite para participar. Explicou alguns pontos da Doutrina, da busca do conhecimento e da evolução, insistindo que o seu lema era: fora da caridade não há salvação.

Maria era uma mulher vivida e tinha a sabedoria extraída dos sofrimentos. Essa foi a razão de seguir os conselhos de Tônico. Ignorava Maria o fato de que o filho se arrependera dos crimes antes de desencarnar; e ainda guardava a pior lembrança do Zé. Tônico percebeu o rancor de Maria e, tendo uma feliz ideia, pediu a ajuda de Deus para que tudo desse certo.

Numa reunião mediúnica, estando Maria presente, Tônico evocou o Espírito do Zé e, tendo recebido autorização de Jesus, puderam conversar. Maria não punha muita fé na sessão, mas o filho respondeu sempre com muita coerência, demonstrando que era realmente o Zé. Maria não aceitou logo o fenômeno mediúnico, mas foi obrigada a se render às evidências quando estudou mais a fundo. Tanto Maria desenvolveu que passou a ser muito respeitada: participa agora da assistência aos que sofrem e dá de comer aos necessitados, enquanto Tônico já é conhecido como Nhô Tônico das Candeias, ou seja, aquele que leva a luz aos que se encontram na escuridão.